

2005/06/27

A NATO E OS PROBLEMAS DE SEMPRE

Alexandre Reis Rodrigues

O actual Secretário-Geral da NATO é um experiente diplomata que já foi ministro dos Negócios Estrangeiros estando, portanto, habituado a mover-se com cuidado, evitando mandar recados a “amigos” através dos órgãos de comunicação social e procurando harmonizar diferendos, de preferência, longe das vistas do público.



Não é essa, porém, a prática que tem seguido no seu actual cargo. Na sequência da última reunião de ministros de defesa, a 9 de Junho, aproveitou a habitual conferência de imprensa para lembrar que ou há maior empenhamento dos países membros em cumprirem os seus compromissos para com a Aliança ou então esta corre o risco de perder a credibilidade adquirida. Presume-se que tenha sido mais claro no ambiente restrito da cimeira e tenha ficado desapontado com as respostas recebidas. Resolveu, por isso, vir para a praça pública discutir o problema.

Jaap de Hoop Scheffer já anteriormente tinha sido muito franco e directo quando disse que não gostava de andar sempre de chapéu na mão a tentar convencer os membros da Aliança a darem à organização os meios de que ela precisa para cumprir as missões que lhe estão atribuídas. Referia-se então às dificuldades que teve, logo no início do seu mandato, para arranjar alguns helicópteros para a Força de Intervenção da NATO no Afeganistão. Depois de muitas peripécias, os seus conterrâneos holandeses lá acabaram por resolver o problema. Não se ignora, porém, que as dificuldades não são de agora; já Lord Robertson, o anterior Secretário-Geral, ocupava grande parte do seu tempo na mesma tarefa, também sem grandes resultados.

As questões são quase sempre as mesmas: a eterna insuficiência dos orçamentos de defesa da maioria dos países membros (apenas cinco países com orçamentos acima dos recomendados 2% do PIB), o crónico défice de meios de transporte para intervenções no exterior, a inadequação da configuração operacional da grande maioria das forças armadas ao actual contexto de segurança e defesa (*critical deficiencies*, para empregar o mesmo termo), a lentidão de resposta a solicitações de intervenção (ficou agora acordado enviar mais três batalhões para o Afeganistão, tendo em conta as próximas eleições legislativas a 18 de Setembro), as dificuldades de coordenação com a União Europeia, etc.

Scheffer tem razão ao desistir de ser diplomata e tentar ser mais directo. No mínimo é frustrante ver que pouco ou quase nada acontece; mas bem pior que frustrante é quando está em causa a urgência da ajuda, em especial se as motivações são políticas. Foi neste último campo que se situaram as dificuldades de accionar a prometida ajuda da NATO ao transporte de aéreo de 5000 efectivos de tropas africanas de manutenção da paz para pôr termo ao conflito em Darfur (180000 mortos e 2000000 de deslocados): os EUA pretendiam que a operação fosse comandada pela NATO, tendo em conta a dimensão da sua contribuição em meios aéreos, mas a França insistia que devia ser a União Europeia, uma vez que esta já estava a ajudar a União Africana. Como é habitual, depois de se perder algum tempo, arranjou-se uma solução de compromisso!

Apesar desta situação pouco satisfatória o actual *Chairman* do Comité Militar da NATO não esá pessimista. Em recente entrevista ao World Peace Herald acha que a NATO não está a passar por nenhuma crise existencial nem que é preocupante apenas 5% das forças europeias estarem preparadas para rápida intervenção no exterior!